

ESCRITA ESCOLAR HISTÓRICA COTIDIANA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DA COMPETÊNCIA NARRATIVA DE JÖRN RÜSEN¹

Arnaldo Szlachta²

Roberta Duarte da Silva³

Resumo

O presente artigo analisa as contribuições de Jörn Rüsen na perspectiva da Escrita Escolar de História cotidiana a partir da competência narrativas, enfatizando sua teoria da aprendizagem histórica através da consciência histórica. Dividido em duas partes, apresenta primeiro o novo paradigma de ensino e, em seguida, investigações brasileiras que aplicam essa teoria. Destaca a importância das narrativas na formação da consciência histórica dos alunos e critica o modelo da "Didática da Cópia" por não destacar aspectos da vida prática no processo de aprendizagem história na construção de saberes históricos escolares, e seu processo de formação da identidade e orientação temporal dos estudantes.

Palavras-chave: Didática da História; Jörn Rüsen; Aprendizagem Histórica; competência narrativa;

Abstract

The present article analyzes Jörn Rüsen's contributions from the perspective of everyday historical writing through narrative competence, emphasizing his theory of historical learning via historical consciousness. Divided into two parts, it first presents the new teaching paradigm and then examines Brazilian research applying this theory. It highlights the importance of narratives in shaping students' historical consciousness and critiques the "Didactics of Copy" model for failing to address practical life aspects in the historical learning process, impacting the formation of historical knowledge, identity, and temporal orientation of students.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

² Doutor em História pela Universidade Estadual de Maringá, professor da Licenciatura em História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, líder do Grupo de Estudos e pesquisa em Didática da História - GEPEDHI do CNPq.

³ Doutoranda em História pela Universidade Federal de Pernambuco, membra do Grupo de Estudos e pesquisa em Didática da História - GEPEDH e bolsista do CNPq

Keywords: History Didactics; Jörn Rüsen; Historical Learning; Narrative Competence;

A Escrita histórica Escolar cotidiana é um espaço rico para pensar a narrativa histórica em relação as diversas consciências históricas possíveis para esse ambiente, uma vez que convida os alunos a construir sentidos sobre o passado e a dialogarem com as complexidades do tempo histórico. A teoria da competência narrativa de Jörn Rüsen, somada às reflexões de Paul Ricoeur (1994) sobre a narrativa e às contribuições de François Hartog (2003) sobre os regimes de historicidade, proporciona uma base teórica robusta para pensar essa prática em sala de aula.

A Didática da História, ao longo dos anos, consolidou-se como uma área de investigação autônoma, situada na interface entre a História e a Educação, ganhando contornos teóricos próprios e métodos de pesquisa voltados ao ensino da História. Esse campo tem como um de seus principais referenciais teóricos o pensamento de Jörn Rüsen, que atribui à Didática da História o papel de ciência da aprendizagem histórica, fundamentada na especificidade do conhecimento histórico e no desenvolvimento do pensamento histórico (Rüsen, 2001).

São as diversas perspectivas que existem sobre a Didática da História (BONETE; SZLACHTA JUNIOR, 2023), nesse texto focaremos a dimensão resuneana, que propondo-a como um campo que abrange tanto o desenvolvimento da capacidade de pensar historicamente quanto a integração do saber histórico na vida prática e na formação da identidade dos indivíduos (Rüsen, 2010). No Brasil, autores como Cardoso (2008), Cerri (2007) e Saddi (2012) exploraram as contribuições da Didática da História para a prática docente, enfatizando o caráter central da aprendizagem no ensino de História. A visão rüseniana destaca-se ao afirmar que o "como se ensina" está intrinsecamente ligado ao "como se aprende", sublinhando que o objetivo da educação histórica é promover a compreensão crítica do passado, fundamentando a identidade e a práxis dos indivíduos (Saddi, 2012).

A partir dessa perspectiva, a Didática da História não apenas se coloca como mediadora entre o conhecimento histórico e a aprendizagem, mas como um processo

essencial para o desenvolvimento do pensamento histórico, indispensável para a formação de cidadãos críticos e reflexivos. Assim, o presente estudo visa explorar as contribuições da teoria de Rüsen para o Ensinar e Aprender História na perspectivas de construção de sentido sobre o passado, analisando como suas reflexões moldam a prática docente e o entendimento da aprendizagem histórica. Para tal, trazemos neste ensaio, uma reflexão sobre como os estudos realizados no Brasil que têm como referência o pensamento rüseniano, identificando questões centrais para a compreensão dos processos cotidianos de narrativas escolares em diversos contextos escolares, reforçando a importância do saber histórico como elemento formador da identidade e orientação temporal na Escrita Histórica escolar

Competência narrativa, uma crítica a “Didática da Cópia”

No desenvolvimento de sua teoria, Jörn Rüsen apresenta uma crítica incisiva ao modelo que denomina "Didática da Cópia," caracterizado pela simples transposição do saber histórico científico para a sala de aula sem consideração pelos métodos científicos e investigativos essenciais à produção do conhecimento histórico. Este modelo, segundo Rüsen, ignora aspectos fundamentais do fazer histórico, tais como a problematização das carências de orientação na vida prática, a adaptação da história para públicos diversos e a função orientadora da história para o presente e o futuro (Rüsen, 2010). Sua crítica baseia-se na necessidade de um processo de experiência como passado através das interlocuções com a consciência histórica, transcendendo o mero acúmulo de fatos e datas, para formar um aprendizado que permita ao estudante compreender e perceber o conhecimento histórico na sua própria vida. Rüsen identifica como central a relação entre a Didática da História e a própria ciência da História. Para ele, o ensino de História não deve ser submisso à ciência histórica, mas sim engajar-se em uma interação orgânica e dialógica, onde cada área enriquece a outra. Esse diálogo é estruturado em princípios fundamentais, como o desenvolvimento da experiência com o tempo através da consciência histórica, a valorização da narrativa histórica, e o

entendimento das mudanças temporais que guiam o aprendizado sobre o tempo (Rüsen, 2001).

Ao tomar como exemplo a chamada "Didática da Longa Duração," proposta por André Ségal, explora uma proposta que aborda o ensino de História a partir de conceitos como acontecimento, estrutura e conjuntura, inspirados por Fernand Braudel. Esse modelo reconhece a complexidade temporal dos fatos históricos e encoraja a compreensão das múltiplas camadas do tempo histórico, oferecendo uma alternativa à Didática da Cópia (SEGAL, 1984). Outro ponto importante na crítica de Rüsen é a inversão de papéis entre a ciência histórica e a pedagogia, quando princípios pedagógicos, como a "pedagogia dos objetivos," acabam determinando a forma como o conteúdo histórico é ensinado e aprendido. Um exemplo disso é a proposta de Neves (1984), que orienta o ensino da História a partir de objetivos operacionais, como "caracterizar," "concluir," e "sintetizar," sem necessariamente explorar as implicações mais amplas do pensamento histórico.

Rüsen alerta para os riscos dessa abordagem, que pode levar ao esvaziamento da experiência histórica, transformando o ensino em um conjunto de exercícios mecânicos que não contribuem para o desenvolvimento de uma consciência histórica na escola que seja ampla e crítica (Rüsen, 2007). A crítica de Rüsen e sua proposta de uma Didática da História voltada para a formação da consciência histórica envolvem ainda o uso da narrativa como uma ferramenta pedagógica central. Para ele, a narrativa não é apenas uma forma de organizar o conhecimento histórico, mas também um meio para que o estudante desenvolva a capacidade de interpretar a história como um processo em constante mudança.

Paul Ricoeur (1994), em sua teoria da narrativa, complementa a abordagem de Rüsen ao afirmar que a narrativa histórica é um modo de representação que organiza os eventos em uma sequência temporal, estruturando o sentido de maneira que o passado se torna compreensível. Segundo Ricoeur, o ato de narrar envolve três momentos essenciais: a pré-configuração, a configuração e a reconfiguração, pelos quais os fatos passam da experiência vivida para uma estrutura narrativa organizada e, finalmente, para a compreensão do leitor ou ouvinte. Assim, em uma

prática de escrita histórica escolar, buscando a narrativa histórica escolar garante que os alunos aprendem a configurar suas experiências históricas, transformando-as em narrativas coerentes, e, por meio do processo de reconfiguração, desenvolvem uma compreensão mais profunda e interpretativa do passado.

Ao compreender a história através de narrativas, os estudantes são incentivados a construir um sentido pessoal e social da passagem do tempo, um elemento chave para o desenvolvimento da consciência histórica e da identidade. O uso da narrativa permite que a história seja mais do que uma série de fatos isolados; ela se torna um processo dinâmico, com relevância prática para a vida cotidiana e para a formação da subjetividade.

François Hartog (2013), por sua vez, adiciona uma camada de complexidade ao discutir os regimes de historicidade, como o próprio Hartog (1997) apresenta:

[...] como uma formulação sábia da experiência do tempo que, em retorno, modela nossos modos de dizer e de viver nosso próprio tempo. Um regime de historicidade abre e **circunscreve um espaço de trabalho e de pensamento**. Ele ritma a escritura do tempo, representa uma “ordem” do tempo, à qual se pode subscrever ou, ao contrário (e mais freqüentemente), querer escapar, procurando elaborar uma outra (p. 8, grifo nosso)

Entender a historicidade, é entender como diversos povos pensavam a escrita da sua história, permite entender como as diferentes sociedades e tempos históricos lidam com o passado, o presente e o futuro. Hartog (2003) identifica regimes de historicidade como formas de perceber o tempo que variam conforme o contexto cultural e histórico, sendo o “presentismo” um dos regimes mais marcantes na contemporaneidade, onde o presente predomina sobre o passado e o futuro, A perspectiva do presenteísmo, como termos trazido por Hartog, nos permite pensar também essas relações na narrativa escolar.

Aplicada ao contexto da escrita histórica escolar, essa perspectiva revela o desafio de envolver os alunos na construção de narrativas que integrem o passado, não como algo distante, mas como parte de um contínuo que influencia e dialoga com o presente. A escola, então, desempenha um papel crucial ao propor formas de

superar o presentismo e incentivar os estudantes a enxergarem o passado de maneira relacional, construindo narrativas que questionem e deem significado ao tempo vivido.

A cognição-histórica no caminho da construção narrativa

A cognição histórica situada (Schmidt, 2009) é um conceito que aborda como os indivíduos compreendem e interpretam o passado a partir do contexto em que estão inseridos. Diferentemente de uma visão universalista da cognição, que entende o processo de aprendizado e compreensão de forma homogênea, a cognição histórica situada reconhece que o entendimento histórico é influenciado pelo ambiente social, cultural, e temporal de cada pessoa, ou seja, pelo "lugar" onde o indivíduo se encontra, tanto física quanto culturalmente.

Esse conceito se baseia em princípios da teoria da cognição situada, que afirma que a aprendizagem e o conhecimento são inseparáveis do contexto em que ocorrem. Pensando no Ensino de História, ele implica que o processo de compreensão do passado é influenciado pelas experiências, valores e tradições culturais do aprendiz. Por exemplo, a maneira como um aluno brasileiro interpreta a história da colonização pode diferir significativamente de como um aluno vê esse mesmo evento, porque o contexto cultural e histórico de cada um influencia sua interpretação.

A cognição histórica situada leva, assim, em consideração os aspectos culturais, sociais, econômicos e até mesmo locais que moldam a maneira como os indivíduos constroem o significado histórico. Esse enfoque valoriza as perspectivas múltiplas e a ideia de que o conhecimento histórico é dinâmico e adaptável, variando conforme o contexto e promovendo uma aprendizagem histórica mais crítica e contextualizada.

Rüsen (2007) sugere que, para que a Didática da História alcance seu potencial completo, é preciso que o ensino e a aprendizagem da História sejam constantemente referenciados pela própria ciência histórica, em diálogo com a percepção da Educação Histórica de Cognição Histórica situada, isso requer, por um lado, um conhecimento histórico rigoroso e, por outro, a práxis dos espaços escolares que respeitem a complexidade do pensamento histórico. Dessa forma, a proposta rüseniana vai além da pedagogia dos objetivos, posicionando a Didática da História como uma disciplina essencialmente formativa, que prepara os estudantes para interpretar criticamente o passado e entender sua influência no presente e como moldam seus projetos de futuro. Esses princípios, ao serem aplicados, visam não só ao desenvolvimento do pensamento crítico e analítico, mas também ao fortalecimento da identidade e à orientação temporal dos estudantes, possibilitando que a aprendizagem histórica se torne uma experiência significativa e transformadora.

As contribuições de Jörn Rüsen para o ensino de História delineiam um novo paradigma na pesquisa do campo do Ensino de História, ressaltando a importância da consciência histórica como núcleo do aprendizado histórico. Essa abordagem, que reorienta o ensino para além da simples transmissão de conteúdos, insere a aprendizagem histórica em um contexto de formação identitária e desenvolvimento pessoal e coletivo dos alunos (Rüsen, 2012). Segundo o autor, a consciência histórica envolve um processo interpretativo que conecta a experiência do tempo à construção de significados pessoais e sociais, operando em três dimensões essenciais: heurística, analítica e interpretativa. Essas dimensões estruturam as bases para uma investigação empírica rigorosa e abrem espaço para a exploração das interações entre a linguagem e a consciência histórica, evidenciando como as narrativas e os modelos interpretativos moldam as perspectivas dos aprendizes sobre o passado e seu impacto no presente.

A pesquisa no campo da educação histórica, que muito dialoga com a Didática da História, especialmente sob o prisma da cognição histórica, tem revelado a relevância de explorar não só o conteúdo, mas também os conceitos

metahistóricos, que estruturam o pensamento crítico e a análise histórica (Gago, 2018). Tais conceitos, como evidência e explicação histórica, ultrapassam a simples memorização, contribuindo para o desenvolvimento de uma compreensão aprofundada e reflexiva do processo histórico, promovendo uma aprendizagem ativa e contextualizada.

Estudos empíricos como o de Gago (2018, 2020), que investigam as concepções de professores em relação à narrativa histórica, mostram que a formação docente é crucial para fomentar uma consciência histórica que incentive a análise crítica dos eventos históricos e suas múltiplas interpretações. Dessa forma, a pesquisa de Rüsen e seus desdobramentos metodológicos têm servido como uma estrutura teórica robusta para a análise de práticas pedagógicas, que consideram o aluno como um agente ativo em seu processo de aprendizagem, capaz de dialogar com o passado e refletir sobre sua influência no presente.

Tão logo, as ideias de Rüsen não só reforçam a relevância da História na formação de uma consciência histórica crítica e reflexiva, mas também redefinem o papel do ensino de História nas escolas como um espaço para a construção de identidade e cidadania. Ao proporcionar aos alunos as ferramentas conceituais e metodológicas para interpretar o passado de maneira significativa, a aprendizagem histórica se configura como um campo fundamental para o desenvolvimento de indivíduos conscientes e engajados com o contexto social e histórico ao qual pertencem.

Pensar a escrita da História a partir das relações e encontros das consciências históricas dos alunos no ambiente escolar, é destacar a relevância da competência narrativa no ensino de História, propondo uma alternativa à Didática da Cópia, que frequentemente limita a aprendizagem a uma mera reprodução de conteúdos. Neste contexto, a competência narrativa se destaca como uma abordagem que estimula a cognição histórica, permitindo que os alunos construam significados e conexões entre o passado e suas realidades contemporâneas.

Ao enfatizar a importância da consciência histórica, a escrita escolar deveria ser vista como um espaço de construção ativa de conhecimento, onde os estudantes desenvolvem habilidades interpretativas e reflexivas. A narrativa histórica se torna uma ferramenta essencial nesse processo, pois não só enriquece a experiência de aprendizagem, mas também contribui para a formação da identidade dos alunos e sua orientação temporal. Assim, a perspectiva da competência narrativa emerge como uma proposta inovadora que busca transformar o ensino de História, promovendo uma compreensão mais profunda e crítica do passado.

Algumas considerações

As contribuições de Jörn Rüsen ao ensino de História, observa-se que sua teoria propõe uma abordagem inovadora e complexa da formação da consciência histórica. Para Rüsen, o ensino de História transcende a mera transmissão de conhecimento factual, assumindo um papel fundamental na formação da identidade e na orientação dos sujeitos em relação ao tempo e à sociedade. A consciência histórica é compreendida como um processo de interiorização e reflexão sobre a experiência temporal, possibilitando aos indivíduos – especialmente jovens e crianças – a construção de um sentido de continuidade e transformação que os ajuda a posicionar-se em relação ao passado e projetar-se no futuro. Essa formação da consciência histórica é, portanto, ao mesmo tempo uma meta e um pressuposto para a aprendizagem histórica.

O autor destaca que o ensino de História deve englobar aspectos da vida prática, logo não fugir das dimensões estéticas, políticas, morais e religiosas, aquelas que ele explorará nas debates sobre Cultura História. Pensar a História na sua complexidade

com a vida prática, que são muitas vezes marginalizadas e se busca a História a partir da “Didática da Cópia”, mas que exercem um impacto crucial na percepção dos sujeitos sobre a sociedade e suas relações de poder.

Rüsen entende, que a Cultura História é a manifestação primeira da consciência histórica (Rüsen, 2014) dimensão estética, por exemplo, permite que a História se torne um campo de construção de sentido, onde a narrativa histórica age como uma ponte entre a experiência pessoal e a coletiva, fortalecendo tanto a socialização quanto a individualização dos estudantes. Rüsen sugere que a aprendizagem histórica só é significativa quando mobiliza esses diversos aspectos, indo além do cognitivo para englobar a auto-gestão e o engajamento emocional e ético dos estudantes com o conteúdo.

Ao integrar a noção da consciência histórica com a prática pedagógica, Rüsen oferece uma base metodológica sólida para a Didática da História, onde a aprendizagem não se restringe à memorização de fatos, mas promove uma apropriação crítica e normativa do passado.

A hermenêutica histórica e a historicização dos fundamentos normativos do presente emergem como elementos essenciais para entender as mudanças e continuidades no tecido social. A aplicação desses princípios na prática escolar implica um processo de ensino que valoriza o diálogo entre o passado e o presente, estimulando a construção de uma visão crítica do mundo. Portanto, ao compreender a consciência histórica como uma operação mental – uma combinação de processos cognitivos, emocionais e pragmáticos – o ensino de História passa a ser um processo de auto-educação contínua.

O Historiador-docente assume o papel de mediador dos processos e narrativas históricas, promovendo a compreensão de que o conhecimento histórico não é apenas um fim em si, mas um instrumento para a orientação da vida prática. Essa perspectiva rüseniana do ensino da História contribui para uma educação voltada ao desenvolvimento integral do sujeito, permitindo que ele compreenda e ressignifique seu papel no mundo.

O pensamento de Jörn Rüsen, apesar de ser o principal nome da Didática da História no Brasil, tem se consolidado como um marco no campo da Educação Histórica, suscitando debates intensos e até controvérsias entre historiadores e educadores brasileiros. Sua abordagem teórica, baseada na consciência histórica, propõe uma perspectiva interpretativa que busca dar significado às ações humanas ao longo do tempo e examinar os processos cognitivos e os fundamentos do conhecimento histórico.

Embora alguns o aplaudam e adotem suas ideias como referência para interpretar e ensinar história, outros questionam sua aplicabilidade ao contexto brasileiro, alegando que sua teoria reflete uma realidade educacional mais adequada ao sistema alemão. A academia brasileira, há muito tempo influenciada pela tradição historiográfica francesa, apresentou certa resistência às propostas de Rüsen, principalmente devido à crítica do autor à cientificação da História no século XIX. Segundo Rüsen, essa transformação teria afastado a História de seu papel social essencial de auxiliar a prática humana no tempo, orientação que ele considera fundamental (Rüsen, 2011).

No entanto, em anos recentes, houve um aumento no interesse pela produção rüseniana, como observou Maria Auxiliadora Schimidt (2017), evidenciado pela proliferação de trabalhos e estudos brasileiros que exploram suas contribuições. A resposta aos estudos de Rüsen, portanto, tem sido ambivalente, com posicionamentos que variam entre a aceitação e grade dissiminação, a uma crítica ainda mal estruturada e deficiente, destacando que seus principais críticos não realizaram uma leitura profícuca de seus trabalhos.

A teoria da consciência histórica, por exemplo, oferece um meio de fomentar uma compreensão mais profunda e significativa da História por parte dos estudantes, mas a aplicabilidade prática dessa teoria nas escolas brasileiras permanece um ponto de discussão. Embora Rüsen não tenha experiência prática em salas de aula do ensino fundamental e médio, ele é um teórico da história que pensa a formação do pensamento histórico com a vida prática, e isso conseqüentemente está entrelaçada como a práxis escolar. Rüsen contribuiu extensivamente para o debate sobre o ensino

de História. Suas ideias influenciam pesquisas no campo da História e da Educação não apenas no Brasil, mas também em Portugal, Inglaterra, Espanha e Canadá, que têm buscado integrar conceitos como a consciência histórica e o pensamento histórico às metodologias de ensino.

Na Alemanha, Rüsen construiu uma carreira acadêmica sólida e respeitada, desenvolvendo uma obra rica que inclui a conhecida “trilogia” da Teoria da História, composta por **Razão Histórica** (2001), **Reconstrução do Passado** (2007a) e **História Viva** (2007b). Essas obras são amplamente estudadas no Brasil, com publicações da Editora da Universidade de Brasília com tradução e avanços no debate do estudioso Estevão de Rezende Martins. No Brasil, outro marco para a disseminação do pensamento rüseniano foi a publicação do livro **Jörn Rüsen e o Ensino de História** pela Editora da Universidade Federal do Paraná, em 2011, organizado pelo Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica (LAPEDUH). Esse livro reúne uma série de artigos de Rüsen que foram traduzidos por acadêmicos brasileiros especializados em Didática da História e Educação Histórica, ampliando o acesso a suas ideias e promovendo discussões aprofundadas sobre a aplicabilidade de suas teorias no contexto nacional.

As Aplicações e Possibilidades da Consciência Histórica no Ensino Brasileiro onde pesquisadores como Isabel Barca, Maria Auxiliadora Schmidt e Tania Braga destacam que a abordagem de Rüsen tem incentivado investigações comparativas entre jovens de diferentes países, incluindo Brasil, Portugal e Cabo Verde. Segundo essas autoras, a proposta de Rüsen permite que os jovens vejam a História como um conhecimento relevante em termos pessoais, contribuindo para uma compreensão mais ampla do mundo e do próprio lugar nele (Schmidt et al., 2011). No Brasil, o conceito de consciência histórica tem sido explorado em diversas pesquisas sobre o Ensino de História (Bonete; Manke; Szlachta Junior, 2023) como as realizadas pelo GEDHI liderado pelo pesquisador Luis Fernando Cerri da UEPG, Na Universidade Federal de Goiás temos contribuições significativas de Rafael Saddi e novas pesquisas sendo desenvolvidas na Univerisdade Federal de Pernambuco através do LAHE e na Universidade Federal de Pelotas pelo LEH, com destaques aos textos de Arnaldo Szlachta e Wilian Bonete.

Boa parte dessas pesquisas avaliam as concepções dos alunos sobre temas como mudança histórica, significância e evidência histórica, multiperspectividade, interculturalidade, cidadania e narrativa histórica. A metodologia de Rüsen, assim, encoraja pesquisas na Didática da História, e vem crescendo o interesse sobre esses temas, principalmente devido a possibilidade da compreensão de múltiplos pontos de vista e a análise crítica dos processo de aprendizagem. Como fruto dessa área investigativa, temos ações de historiadores docentes que vem formando cidadãos capazes de interpretar e interagir com a diversidade de memórias e tradições e se localizarem no tempo.

Referências

BONETE, Wilian Junior; SZLACHTA JUNIOR, Arnaldo Martin Szlachta. A Didática da História: um inventário das proximidades em pesquisas na Europa e Canadá. **História Revista**, v. 28, n. 2, p. 33-59, 2023.

BONETE, Wilian Junior; MANKE, Lisiane Sias; SZLACHTA JUNIOR, Arnaldo Martin. ENTREVISTA COM LUIS FERNANDO CERRI-Ensino de História: disputas de narrativas, negacionismos e consciência histórica. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, v. 17, n. 32, p. 89-111, 2023.

CARDOSO, Oldimar. Para uma definição de Didática da História. **Revista Brasileira de História**, v. 28, p. 153-170, 2008.

CERRI, Luiz Fernando. Uma proposta de mapa do tempo para artesãos do mapa do tempo: história do ensino de História e didática da História. **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

GAGO, Marília. A aula-oficina na caminhada de aprender a ser professor de História. **Roteiro**, v. 45, 2020.

GAGO, Marília. Ser Professor de História em tempos difíceis: início de um processo formativo. **Antíteses**, v. 11, n. 22, p. 505-515, 2018.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Autentêntica, 2013.

HARTOG, François. O tempo desorientado. Tempo e história. "Como escrever a história da França?". **Anos 90**, Porto Alegre, PPG em História da UFRGS, n. 7, julho 1997

NEVES, Maria Aparecida Campos Mamede. **Ensinando e aprendendo história**. Epu, 1985.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: Papyrus, 1994.

RÜSEN, Jörn. *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Tradução de Nélio Schneider. Petrópolis: Vozes, 2014

RÜSEN, Jörn. Forming historical consciousness—Towards a humanistic history didactics. **Antíteses**, v. 5, n. 10, p. 519-536, 2012.

RÜSEN, Jörn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. In: SCHMIDT, Maria Auxiliado; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Editora UFPR, p. 51-77, 2010.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica: Teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Tradução de Estevão de Rezende Martins, Brasília: Editora da Unb, 2001

RÜSEN, Jörn. **Teoria da história: história viva: formas e funções do conhecimento histórico/trad. Estevão de Rezende Martins**. Ed. UnB, 2007.

SADDI, Rafael. O parafuso da didática da história: o objeto de pesquisa e o campo de investigação de uma didática da história ampliada. **Acta Scientiarum. Education**, v. 34, n. 02, p. 211-220, 2012.

SADDI, Rafael. Reflexões sobre o campo da didática da história. In: SILVA, Maria da Conceição; MAGALHÃES, Sônia Maria de. **O ensino de história: aprendizagens, políticas públicas e materiais didáticos**. Editora da PUC Goiás, 2012.

SEGAL, Andre. Por uma didática da duração. In MINOT, H (Org). **Inseigner l'histoire - des manuels à la memoire**. Berne: Peter Long, 1984

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da história. **Intelligere**, v. 3, n. 2, p. 60-76, 2017.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira. *Cognição histórica situada: que aprendizagem histórica é esta?*. **Aprender história: perspectivas da educação histórica**, v. 3, p. 21-51, 2009.